

SESSÕES DO PLENÁRIO

59ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 1º de outubro de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADA MARIA DEL CARMEN LULA (1ª SECRETÁRIA)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial, com o objetivo de debater o PPA, com a presença do secretário de Planejamento, Dr. Walter Pinheiro.

Convido o secretário de Planejamento, Dr. Walter Pinheiro, para fazer parte da Mesa para que faça a explanação sobre o Plano Plurianual que ele virá aqui apresentar aos ilustres deputados, Ex.^{mos} Srs. Deputados desta Casa.

O Sr. Rosemberg Lula Pinto: Sr.^a Presidenta, pela ordem.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Pela ordem o deputado Rosemberg Pinto.

O Sr. Rosemberg Lula Pinto: Sr.^a Presidenta, eu queria aproveitar este momento da chegada do nosso querido secretário Walter Pinheiro. Primeiro agradecer aqui ao deputado Targino Machado, porque numa combinação entre Liderança da Maioria e Liderança da Minoria estamos fazendo um processo inovador nesta Casa. Eu acho que essa relação garante uma nova modelagem, porque nós estávamos programados para fazer hoje uma sessão conjunta na parte da manhã e deixamos de fazer para dar oportunidade para que o secretário venha a esta Casa fazer a apresentação do PPA, condição importante para que nós possamos debatê-lo aqui na Casa.

Nesse sentido, eu acho que a gente pode trabalhar para fazer novas atividades como essa, ou seja, garantindo que o Plenário desta Casa pulse nos debates dos projetos oriundos do Executivo.

Eu queria neste instante agradecer ao deputado Targino por entender a importância deste debate aqui para que a gente possa, realmente, de público, apresentar o PPA a partir de quem consolidou, através da sua secretaria, o secretário Walter Pinheiro.

O Sr. Targino Machado: Questão de ordem, presidente.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Concedo a palavra ao deputado Targino Machado para uma questão de ordem.

O Sr. Targino Machado: Sr.^a Presidente, inicialmente eu quero saudar S. Ex.^a o Secretário e quero dizer ao Líder Rosemberg Pinto que eu sou... eu tenho a plena convicção de que ninguém briga só e de que não é por mérito meu o que está

acontecendo nesta Casa. Na verdade, tanto eu quanto V. Ex.^a temos lutado, cada um fiel às suas ideologias, aos seus ideais, mas temos lutado para destravar relações.

Acredito, deputado Rosemberg, e lhe agradeço pela cooperação sempre nesse sentido, que V. Ex.^a, a sua bancada, tem uma maioria folgada que poderia ter trazido a esta Casa um requerimento de urgência aprovado, um requerimento de urgência, mas tenho contado com a compreensão de V. Ex.^a no sentido de evitar os atalhos regimentais, coisa que não acontecia no passado, mas a gente não deve olhar para o retrovisor. Estamos construindo a quatro mãos, eu e V. Ex.^a, uma nova relação, e me orgulho muito de estar na Liderança da Oposição e estar ajudando na construção de novos tempos, de novo clima, investindo nas relações, porque, afinal de contas, esse é o grande investimento que podemos fazer.

Vou continuar com o lado que tenho, como V. Ex.^a, mas respeitando as diferenças e fazendo investimentos bom não para mim ou para V. Ex.^a, mas investimentos para resgatar a imagem desta Casa, porque nós vamos passar, esta Casa há de ficar. Que venham novas iniciativas como essa, e que se possa trazer para este plenário sempre a ebulição das ideias.

Muito obrigado, Sr.^a Presidente.

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Concedo a palavra agora, agradecendo a presença do secretário Walter Pinheiro, que se prontificou a vir aqui apresentar o PPA, debater com os deputados desta Casa... Eu queria passar agora a palavra ao secretário Walter Pinheiro pelo tempo que ele considerar necessário para sua explanação. Se quiser, deputado... deputado. Uma vez deputado... teria que ser senador. Mas se V. Ex.^a quiser utilizar a tribuna, está à sua disposição.

(O Sr. Secretário fala fora do microfone.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Maria del Carmen Lula): Pois é, é por isso, o hábito, não é?

Eu pediria que a nossa assessoria colocasse o vídeo.

O Sr. WALTER PINHEIRO: Sr.^{as} e Srs. Deputados, eu quero aqui, minha presidenta desta sessão, deputada Maria del Carmen, agradecer imensamente à Assembleia Legislativa por essa... essa oportunidade, como disse o deputado Rosemberg, inovadora, mas chamando a atenção para uma coisa que eu acho que é de extrema importância: quando, eu diria, provocados fomos por essa iniciativa, Robinson, eu lembrei aqui aos nobres deputados que nós fizemos no plenário desta Assembleia, Zé Raimundo, a apreciação do PPA nacional. Então, portanto, foi também a primeira vez no Brasil, Bobô, que a gente rodou o Brasil inteiro fazendo a discussão do PPA.

Naquela oportunidade, eu fui o relator do PPA nacional, portanto, no ano de 2011, já como senador da República, eu tive a oportunidade de fazer exatamente isso, correr o país e apresentar o PPA, naquele caso ali, para a sociedade – porque a gente, efetivamente, não tinha feito da mesma forma que eu vou explicar aqui, nesse caso o PPA – e ao mesmo tempo para os parlamentares nos estados, uma vez que os parlamentares, em âmbito nacional, eles têm a oportunidade dessa apreciação em duas

etapas: na etapa inicial, já na construção da LDO, e ao mesmo tempo no chamado, consagrado, princípio da participação, no Congresso Nacional, inclusive desde o ato da discussão da LDO, no chamado pré-caminho do orçamento e da peça plurianual.

Nesse particular, eu até já aceitei aqui a outra provocação feita por Rosemberg, Targino, que é para a gente voltar aqui para fazer mais duas etapas. Voltar para a gente discutir aqui a peça orçamentária, que nós demos entrada ontem, e também para apresentar aqui os projetos que estão sendo colocados já na expectativa de trabalhar o chamado “projeto de desenvolvimento para a Bahia até o ano de 2035”.

Nós fizemos isso em 2009 e em 2010, quando da passagem nossa pela Secretaria do Planejamento do estado. Naquela época, se trabalhou como pensar a Bahia até 2023. Na época, não era por acaso o 2023. O 2023 serão exatamente os 200 anos do nosso 2 de Julho. Portanto, a ideia era a gente projetar isso, minha cara Olívia, no sentido de plantar de uma vez por todas as condições.

Felizmente o “Correria” terminou antecipando o nosso 23, e nós fomos obrigados agora, na Seplan, a pensar a Bahia 2035. Portanto, partes como Ponte Salvador-Itaparica estavam no Projeto Bahia 2023, o metrô de Salvador, os corredores principais, as avenidas 29 de Março, Gal Costa, o VLT do Subúrbio, o novo trecho de VLT, o ramal do VLT que deverá sair ali da altura, mais ou menos, do metrô de Lauro de Freitas e chegar a Camaçari, o trem regional... As modificações, Bobô, ali em toda aquela região... Eu diria, o seu espaço natural aponta para a parte, exatamente, da sua origem, envolvendo ali a parte de mineração, ferrovia, principalmente do trecho de Juazeiro até Salvador, com modificações na estrutura de Feira de Santana, adentrando o Recôncavo. Então o desafio que eu topei com Rosemberg foi voltar para a gente fazer o debate da peça orçamentária e apresentar agora os novos projetos da Bahia até 2035, para que os deputados possam não só tomar conhecimento, como, efetivamente, ter a possibilidade de dar a contribuição nesse processo.

Então, dito isso, eu quero mais uma vez enaltecer este momento e dizer que essa é também uma oportunidade que a gente tem para que possa imaginar como é importante o processo prévio que norteou toda essa estrutura do PPA.

Então como é que nasce essa estrutura? Aliás, essa experiência já havia sido adotada na Bahia no ano de 2007, quando, inclusive, também no governo Jaques Wagner, a gente fez o primeiro PPA participativo do estado da Bahia, que concerne exatamente a trabalhar as peças a partir de dois aspectos fundamentais: o plano de governo e, conseqüentemente, o que a sociedade espera do novo governo, tendo a oportunidade de indicar quais os caminhos guardam sintonias com as necessidades e principalmente o desenvolvimento territorial, que é outra marca importante na mudança desses governos desde 2007 para cá.

Em 2007, a Bahia consagrou o processo de divisão territorial, portanto a Bahia é dividida em territórios, facilitando de maneira, eu diria, muito... de forma mais aproximada, já que, regionalmente falando, a gente vive num estado que tem tamanho de país, portanto, o território aproxima, o território facilita, o território, de certa forma, permite se enxergar com mais detalhes. É importante, Jacó, porque nós estamos falando

de um estado em que nós temos mais de 600 mil, hoje quase 700 mil, trabalhadores que vivem exatamente da agricultura familiar.

Portanto, a nossa economia está lastreada nesse patamar, e é importante lembrar também a força dos territórios, deputada Neusa, porque foi através dessa divisão territorial que a gente conseguiu superar diversos problemas envolvendo, por exemplo, essa famosa migração. Por que é que eu citei a deputada Neusa? Porque eu tive a oportunidade, com a deputada, de viver uma experiência sem igual. Em 1996 – e ela vai se lembrar disso –, nós fomos a São Paulo encontrar, Zé Raimundo, mais de mil baianos que trabalhavam de forma quase que escravocrata no corte da cana na região de São Paulo, ali em Ribeirão Preto, uma parte já, mais ou menos, ali na estrutura de Araraquara, vivendo em subcondições. Naquela época, inclusive, em uma parte aqui da Bahia, mas com a colaboração de diversas pessoas do próprio estado de São Paulo, chegou-se a produzir um filme que fazia uma provocação em relação a Ribeirão Preto chamado *Califórnia Brasileira*, explorando os baianos não só de Pintadas, mas também de Serrinha, da Região do Sisal, uma parte expressiva da banda de cá do Oeste, não da banda do outro lado do rio, porque dessa parte baianos ainda se deslocam para diversos lugares, naquela época era de forma muito mais intensa, minha cara Olívia.

Nós encontramos, de Pintadas, da cidade de Pintadas, mil homens trabalhando no corte da cana nessa região de São Paulo. Pintadas, naquela época, tinha quase, assim... não chegava a 10 mil habitantes, e havia mil homens trabalhando. Uma coisa que chamava atenção, minha cara Olívia e Fabíola: a gente chegava na porta do Baneb daquela cidade, todos os dias – nunca me esqueço, tinha um batente ao lado assim, um passeio como um batente – as mulheres se sentavam ali na porta do Baneb. No final desse batente, tinha um orelhão, então as mulheres ficavam ali aguardando a ligação dos seus companheiros que estavam no corte da cana para avisar quanto é que eles tinham colocado, para elas irem ao Baneb sacar o dinheiro.

Portanto, uma vida muito difícil. Na época, o governo do estado, logo após o processo eleitoral de 1996, em janeiro de 1997... a primeira medida do governo do estado foi fechar a agência do Baneb dessa cidade. Está lembrada, Neusa? Na sequência, os trabalhadores, toda a população de Pintadas... na realidade, eles promoveram uma grande mobilização, e ali se instituiu a primeira experiência de cooperativa financeira que funciona até os dias de hoje naquela cidade, portanto, para enfrentar isso.

Essa política territorial permitiu, efetivamente, a superação dessas dificuldades, desses absurdos. Consequentemente isso foi gestando novas oportunidades, a partir do incentivo, a partir do enfrentamento às dificuldades, inclusive, vivenciadas por esses agricultores em relação às questões climáticas, por exemplo. O ano de 2012 foi um dos piores anos, quando nós começamos a enfrentar esse longo período de estiagem, em que nós fizemos uma modificação expressiva, com Garantia-Safra, Marquinho.

Eu me lembro que a gente saiu de 4 mil, meu caro Eduardo, 4 mil processos de Garantia-Safra para mais de 200 mil processos de Garantia-Safra. Naquele ano, esses foram os recursos que asseguraram, por exemplo, mais de R\$ 140 milhões para serem injetados no campo da Bahia. Portanto, uma ousada iniciativa. E volto a frisar mais

uma vez a participação expressiva da mobilização territorial para gente superar um dos gravíssimos problemas.

Então, na realidade, as principais diretrizes para esse PPA, elas já abordam exatamente essa caminhada para o futuro 2035. É óbvio que nós temos que seguir todo um traçado. É importante dizer isso aqui, até pela minha vivência no parlamento ao longo dos anos, eu sempre tive a oportunidade de trabalhar na Comissão de Orçamento do Congresso Nacional e, de forma muito enfática, na elaboração dessas peças. Essa inovação é importante para a gente entender que orçamento, PPA, LDO, essas peças, não podem ter, exclusivamente, o efeito de materializar recursos, mas de a gente, concretamente, trabalhar projetos e programas. A prioridade é essa. A alocação dar-se-á a partir, exatamente, da necessidade, e não a partir dos interesses de governantes, seja lá com boas intenções ou não, mas você sintoniza isso.

Então, a história da competitividade sistêmica, a melhoria da qualidade de vida. Nós vamos ver isso expresso já na primeira peça que nós apresentamos aqui no dia de ontem, que garante mais ou menos algo em torno de 62% do orçamento de 2020 para a área social, formação cidadã, garantia de direitos, sustentabilidade ambiental e gestão estratégica.

Assim nós tivemos a preocupação de trabalhar as peças de forma muito integrada. Óbvio que isso sempre com o cuidado de ir sintonizando e ao mesmo tempo ajustando as ponderações, lembrando que o ano de um PPA, que você constrói um PPA, é um ano que a gente convive com três elementos decisivos nessa disputa. Ele é o último ano do governo que encerrou, porque o PPA do ano passado, do governo passado ainda está em vigor, ele é o primeiro ano da proposta de governo de quem disputou a eleição, apresentou e é o ano que você elabora a nova caminhada.

A gente se depara com três peças que é necessário ajustar. Como é que você conclui aquela peça que foi discutida há a quatro anos? Como é possível absorver, meu caro Targino, já as propostas que apresentadas foram, de forma, inclusive, legal pelo governante que disputou um processo eleitoral e como recepciona as chamadas as intenções, os desejos e as necessidades advindas dos territórios.

Então, portanto, esse modelo de integração, acho que é importante também firmar isso aqui, a estratégia adotada agora não é mais a estratégia da transversalidade. Transversalidade, às vezes, é uma forma de dizer: olha, é transversal, tudo se toca, tudo se encontra. Mas a gente costuma dizer lá sempre o seguinte: o transversal é igual a tangenciar, toca, mas não interfere. Você pode até dizer que eles se entrelaçam, mas efetivamente não conjugam, não apontam para um processo que você tem, não só na otimização, mas principalmente na efetiva realização.

A ideia foi trabalhada nesse sentido. Imaginar como é que tem um desenvolvimento integrado até 2035, trabalhar os próximos quatro anos com essas duas peças fundamentais, a LDO e a LOA e efetivamente fechar do ponto de vista organizacional, como é que você vai trabalhar estrategicamente essas questões. Os objetivos e metas, a interligação desses compromissos, ajustar isso com o PPA e materializar, orientar e ao mesmo tempo, eu diria, subsidiar o orçamento e o planejamento setorial.

Portanto, criando a sinergia e dando as condições, porque senão vira uma peça meramente, eu diria, de ficção. Então, ao invés de ser elaborado nos gabinetes por bons técnicos ou por bons planejadores, o ideal é a escuta, ou como dizem os médicos, a ausculta, tirar de dentro, minha cara Fabíola, extrair do fundo, a partir, exatamente, das necessidades e produzir uma peça que guarde sintonia e condições de realização.

Então, na realidade esses passos foram basicamente a partir dessa integração. O que a gente tinha no plano de governo, nesse particular, no próprio processo de campanha, o governador já fez um processo de ausculta na sociedade, materializado legalmente com um programa registrado ali no Tribunal Regional Eleitoral, toda a parte do plano estratégico organizacional, o que se pensa para dentro de cada organização, como nós vamos funcionar, os setoriais, os territoriais e o nacional, que é necessário também olhar o que é possível abrigar do que vem em nível nacional, como a gente se relaciona. Por exemplo, nós estamos elaborando um grande projeto em parceria com os estados do Nordeste. O que nos une, quais são os pontos de confluência, o que é que nós vamos fazer ali no São Francisco. Para a gente ter uma ideia, por exemplo, Juazeiro exerce uma posição estratégica no Nordeste, ele é exatamente o epicentro do Nordeste, ali naquele ponto entre Juazeiro e Petrolina.

Então, portanto, tem um papel fundamental do ponto de vista da logística, do ponto de vista do deslocamento, do ponto de vista da vida naquela área. É importante esses planos setoriais enxergarem exatamente os aspectos dessa relação. Se falarmos, também, no sentido mais para o norte de Minas, nós vamos encontrar ali, por exemplo, boas rotas de saída. As principais estradas, nossas, por exemplo, são estradas que nos levam a uma parte do norte de Minas, a estrada mais importante, do ponto de vista da estrada de ferro que nós já tivemos na Bahia é uma estrada que sai de dentro de Montes Claros e vai até o Porto de Aratu, chegava até Salvador.

Portanto, entrando ali na divisa, em Urandi, a FCA, passando por Brumado, que numa época gloriosa era a grande rota do minério e ao mesmo tempo do transporte de carga para aquela região. Aliás, essa é uma estrada que eu conheci enquanto menino de forma muito, eu diria, permanente. Meu pai trabalhava exatamente nesse trecho e fazia Salvador-Montes Claros, Monte Azul-Montes Claros.

Além disso, a gente tem a outra rota, também dessa relação importante com o norte de Minas, nós temos uma franja enorme na divisa e algumas estradas importantíssimas. A estrada 135, a 251, que é uma das estradas agora colocadas tanto no plano nacional, quanto aqui ajustadas ao plano estadual, é uma estrada fundamental para a gente encurtar a distância naquela chamada rota de mercadorias da Bahia, para adentrar uma parcela expressiva do norte de Minas. A 101, a divisa com o Espírito Santo, ou também na mesma linha, a 135, que é uma estrada Norte-Sul e que adentra, sai, passa por dentro de Barreiras e chega ao norte, ali na parte mais ao norte, exatamente no Piauí, permitindo a integração da Bahia com uma banda do Nordeste, a partir do oeste baiano.

Portanto, uma boa rota de produção, uma rota de escoamento e a gente já teve parceiras importantes nisso. O surgimento da Universidade Federal do Vale do São Francisco levou em conta essa parceria com o Piauí para a gente fazer nascer no Brasil

o primeiro curso de Arqueologia em uma universidade pública federal do Brasil. E mais ainda, o surgimento da primeira universidade em três estados, a Universidade do Vale do São Francisco, na Bahia, em Pernambuco e no Piauí. Então, portanto, essa integração é importante para você ir criando novos campos e novas iniciativas.

A avaliação do PPA se encerra agora, com isso a gente construiu essa matriz programática, consolidamos programas e estamos na caminhada para fazer exatamente o PPA de 2020 a 2023, tendo como base, tendo como elemento para a construção disso a escuta social, a participação das pessoas nesse processo.

Aí são as etapas que nós trabalhamos, primeiro a etapa dos planos organizacionais. Ou seja, cada secretaria indo a campo para ouvir as ponderações, as sugestões, as necessidades. A partir disso a definição também do teto plurianual, o detalhamento de quais seriam as metas e iniciativas, todas elas sendo trabalhadas a partir de escutas, elaboração de indicadores e um processo que quando volta, a partir de todas essas mesas temáticas e aspectos. Mostra como é que isso chega à Assembleia Legislativa, depois de ter percorrido esses caminhos todos.

Aí foram as caminhadas. O lançamento. A participação da estrutura de governo, como é que nós trabalhamos isso, de maneira cada vez mais a integrar toda a estrutura na elaboração e envolver, para que a gente pudesse elaborar algo com grau de participação bem maior.

Aí mais ou menos como é que nós trabalhamos por temas, a quantidade de gestores e técnicos envolvidos e a distribuição dos temas. É importante essa tabela, não só pela quantidade, mas para a gente entender também como é que a gente constrói um número de prioridades, nenhum governo consegue tocar 300 prioridades. Isso é algo que efetivamente não dá. Então, nós fomos a partir de cada tema desses, trabalhando com projetos prioritários e depois você vai descendo a detalhes para chegar em ações, para chegar em metas e, ao mesmo tempo, na ponta com efetividade para tentar atingir esses chamados pontos principais do programa.

Nós colhemos quase 2 mil, porque tem umas propostas muito internas também que, de certa forma, foram sendo produzidas, mas da sociedade nós colhemos 1.856 propostas, que foram utilizadas como insumo para a participação. Toda essa estrutura, obviamente tendo como efetivo ponto de partida quais seriam os projetos, para a gente tentar exatamente construir nessa divisão, pelos territórios de maneira que você pudesse ter um nível cada vez mais sintonizado de um determinado tipo de iniciativa, uma característica. E evitando o que é uma coisa que efetivamente acontece quando se produz um plano como esse a partir de gabinetes, que é a falta de sintonia. Portanto, a ideia é você ter um nível cada vez mais de presença em cada local, para que não haja um copia e cola, e você possa efetivamente construir algo com base exatamente a partir de onde as pessoas vivem.

Aí também tem um número de propostas associadas. O que nós fomos trabalhando do ponto de vista dessas escutas, o que efetivamente você tem do ponto de vista da construção em termos percentuais. É óbvio que você vai ter um nível, às vezes, de participação maior, um nível de organização aqui, ali e acolá em cada território.

Então, nos territórios de identidade, nós vamos ter basicamente um número que vai a partir dessas escutas, a quantidade de pessoas que participaram desse processo.

E, aí, a gente foi definindo exatamente o chamado eixo temático para a gente tentar começar a construir a peça. Então, a partir da escuta, a gente foi selecionando, foi encaixando em cada tema e escolhendo efetivamente cada ponto desse para a gente poder trabalhar. Chegamos em 16 pontos, que são os chamados pontos de cobertura. E a gestão governamental é importante, porque isso dá, de forma muito enfática, meu caro Paulinho, a possibilidade de ver como o governo chega em todos os lugares, porque essa é uma das maiores críticas que, ao longo dos anos, foi trabalhada de maneira cada vez mais permanente, que era a ausência do poder público principalmente nos lugares mais distantes. Portanto, a gestão governamental precisaria ser pensada não só do ponto de vista da eficiência para dentro na máquina, mas de como a máquina de Estado consegue chegar em cada canto para servir, a capilaridade como ponto de acesso.

Aí você tem, também, os números mais ajustados, com programas, compromissos, metas, iniciativas e indicadores. Eu quero chamar a atenção para essa palavra indicadores, porque essa é outra mudança importante que a Secretaria de Planejamento da Bahia já introduziu desde períodos passados, e a cada momento nós vamos tendo isso cada vez mais aprimorado. É um novo conceito de monitorar, monitorar para guardar o resultado para apresentar no final de quatro anos, a gente só vai ler estatística, ou para comemorar ou para chorar. A avaliação, agora, passa a ser uma peça permanente, ela é utilizada no diário por cada secretaria, por cada técnico, para permitir o acompanhamento do que executou ontem e do que não foi executado ontem, porque não foi executado e onde é que esse indicador pode me levar exatamente a ter que corrigir, inclusive, a ação do governante.

Portanto, é uma peça que é importante para a gente também, de certa forma, eu vou usar a expressão obrigar, é uma expressão pesada, mas é isso mesmo, obrigar o governante a executar aquilo que advém da sociedade. Porque senão fica aquela história de cada um que chega num determinado cargo acha que pode levar a proposta que está na sua cabeça. Portanto, tem uma peça, essa peça quando aprovada aqui, ela é lei. Então, compete a quem está executando cumprir aquilo e não a cada ano você ficar produzindo aquilo de interesse. Então, os indicadores servem exatamente para a gente ir mapeando essas questões e, portanto, tendo a oportunidade de entender se as iniciativas estão caminhando *pari passu* com as metas. Como é que isso estabelece? Se não faço uma meta, o cara não cumpre o compromisso, aí chega no final do ano, não deu, não deu por quê? Por que você não avaliou antes? Então, portanto, a gestão governamental tem que ser utilizada para isso, para evitar exatamente esse tipo de furo.

(Procede-se à apresentação de slide.)

Aí tem a história dos tetos, efetivamente é importante a gente trabalhar isso, o que é que a gente vai conseguindo trabalhar do ponto de vista dos percentuais para você ir atingindo e ao mesmo tempo ir qualificando, é importante isso, tentando trabalhar isso numa projeção de investimento. Óbvio, que nesse particular aí é bom lembrar aos nobres deputados que estamos trabalhando com o fator, que é o fator muito

da receita, que é a receita que nós sempre costumamos chamar de receita corrente líquida. Portanto, aí entram vários aspectos. Nós fomos pegar, para quem trabalha muito com isso, é o que nós chamamos muito de uma fonte que é a fonte que tem a ver com a receita no estado. Portanto, é importante lembrar isso.

Os valores nesse patamar aí já do PPA, nós estamos trabalhando numa lógica e principalmente nessas áreas, esses valores, 74% estão associados e destinados aos programas na área de educação, saúde e segurança.

(Procede-se à apresentação de slide.)

A participação das secretarias, portanto, uma forma de envolvimento é extremamente natural que as três secretarias que têm os três maiores orçamentos, você tem inclusive também um número maior de técnicos e tem uma demanda maior; ou seja, a capilaridade dessas áreas, toda cidade tem uma escola, toda cidade tem unidade de saúde, toda cidade tem uma unidade de segurança pública. Então, portanto, você tende a ter um volume de participação e, portanto, o que é destinado para cada área e nessas áreas prioritárias.

(Procede-se à apresentação de slide.)

O aspecto dos outros Poderes, portanto, como é que a gente tem conversado com o Tribunal de Justiça, com a Assembleia, com o Ministério Público e os Tribunais, portanto, sempre numa lógica de você ter a possibilidade de conversar sobre o orçamento. Lembrando que nesse particular, portanto, cada Poder desse tem a sua prerrogativa de discutir a sua estrutura orçamentária. Óbvio, que temos que obedecer a limites. Essa é uma área que a nossa participação é meramente de suporte. Portanto, não há uma discussão com o estado nem do ponto de vista da materialização e uso, quanto da própria construção do orçamento de cada área dessa, até pelo respeito que obrigatoriamente e constitucionalmente nós temos que ter.

(Procede-se à apresentação de slide.)

O teto, aí, do Plano Plurianual por Poder. Nós vamos distribuindo a partir dos percentuais, inclusive, nesse caso, cada vez mais voltado no que está em relação à questão legal.

(Procede-se à apresentação de slide.)

E aí nós vamos tocar em alguns pontos aqui para a gente ter uma ideia, o que é que a gente pinçou, vários pontos, todo mundo recebeu, a gente, inclusive, tomou, os gabinetes receberam já o PPA e no dia de ontem já lançou o cartão, agora, com o PPA e a PLOA, então, portanto, agora vocês vão receber, provavelmente devem receber hoje, já, o cartão com os dois. É mais fácil de manusear, não é, Olivia, bem mais tranquilo, você já vai em cima do que você quer, então, portanto, facilitando.

Mas, para a gente ter uma ideia aqui, nós pinçamos algumas coisas que são extremamente importantes e eu vou chamar atenção delas, por conta, exatamente, da questão territorial, Targino, territorial, porque eu acho que é fundamental isso.

Por que que nós colocamos as policlínicas? Porque as policlínicas nasceram, exatamente, dessa ideia de você ir ajustando em cada território a possibilidade de levar

para cada região aquilo que é a excelência, hoje, na área de saúde, a imagem, os exames, eliminando a chamada distância, ou melhor, encurtando as distâncias, vamos falar assim, e permitindo o atendimento de qualidade, e acabando de uma vez por todas com algo, e essa é a tentativa, de se obstruir o tipo de prática, ou, pelo menos, eliminá-la, no sentido de você usar esse deslocamento das pessoas que necessitam do tratamento médico, como algo da barganha ou algo como se fosse um favor do poder público ou de quem quer que seja. Então, a ideia é, exatamente, trabalhar isso, a ideia de trabalhar a ampliação das unidades de saúde.

Há um mapa que depois também eu posso..., por isso que essa provocação de Rosenberg é importante, a gente está construindo um mapa, agora, dos chamados hospitais pelo estado da Bahia, Rosenberg. Então, nesse projeto é importante, depois a gente, em outra oportunidade, mas antes até da oportunidade eu posso mandar para cada gabinete, para ter uma ideia como é que nós estamos fazendo a distribuição espacial dessas unidades em todo o estado. Isso foi o que resultou, por exemplo, na construção do hospital, ali da Costa do Cacau, a própria questão da necessidade, Zé Raimundo, da gente ampliar ali toda a parte do Sudoeste, você fazendo com que ali a estrutura pudesse dialogar entre a combinação da unidade hospitalar, policlínica, a possibilidade de exames, o atendimento, eu diria, básico. Óbvio que isso é uma estrutura que também é importante o município se envolver, porque você tem uma parte expressiva dos serviços já executados pelos municípios, então, portanto, nessa configuração de atendimento territorial de maneira bem clara.

A parte de educação a gente também trabalhou com alguns elementos importantes. Essa coisa da rede educacional de ensino, matrícula, vagas, a ideia aí de você ampliar, a Bahia é um estado que hoje tem unidades, ou seja, tem vaga disponível em todos os municípios do estado e em todos os distritos. Portanto, não há nenhum distrito, nenhuma sede de município que a gente não tenha a oferta e vagas, inclusive, sobrando.

A ideia de ampliar isso é você agora, de certa maneira, ainda que com a necessidade de deslocamento, por isso que a gente botou essa parte embaixo ali do Emitec, mas a ideia é que mesmo que tenha que deslocar, a ideia é que chegue nessa cobertura e portanto a gente consiga atingir de forma bem enfática todos os cantos da Bahia.

Hoje a gente tem aproximadamente 21 mil, 20, 21 mil estudantes nos Emitecs. Emitecs são centros de intermediação tecnológica em locais onde as redes não chegam, nem o carro, a gente chega com um sinal de satélite com aula *on line*.

Portanto, são 565 pontos onde nós chegamos via satélite com aula *on line*. As aulas são patrocinadas a partir do nosso Iat aqui em Salvador e nesses locais a ideia é que a gente possa ampliar em mais 1.700 vagas, ou seja, mantendo todos os anos até 2023 sempre na média de 22, até 23 mil vagas nessas áreas dos Emitecs.

E é bom lembrar, ouviu Robinson, eu não sei se da outra vez eu tinha até comentado contigo, um dos ganhadores da Olimpíada de Matemática no Brasil é um menino de um Emitec desse do interior da cidade de Araci.

Então assim, eu até me lembro que eu brinquei com ele, o nome do menino é Dicson, é um grandalhão e tal, eu brinquei com ele e ele disse: “Rapaz, eu não sou tão bom em matemática assim não. Eu disse: “Oh, não é não? E como é que você ganhou a medalha?” Aliás, por duas vezes em nível nacional na olimpíada estudando no Emitec. Ele disse: “Olha, eu só fiz me aplicar um pouquinho mais.”

Então a qualidade dessas aulas é um negócio assim impressionante e volto a frisar, são aulas online, não são aulas gravadas. É óbvio que a partir de cada aula dessas, Zé Raimundo, a gente pega depois disso e você vai produzindo um conteúdo.

Portanto, a Bahia hoje, tem mais de 54 mil conteúdos produzidos a partir dessas aulas, a partir da nossa central de mídia. Então é importante lembrar isso.

Há escolas culturais, nós já atingimos a marca de 100 escolas com projetos de escolas culturais, a ideia esse ano ampliar mais ainda, fechar o ano com a quantidade expressiva e chegar mais 85 escolas onde você pode ter o programa de escolas culturais, que é um programa importante para você interagir com a cultura local, é a participação da cultura local na escola e a escola adentrando efetivamente os espaços culturais, dialogando com a cidade permanentemente.

Assim como na educação profissional, o desafio é que toda escola da rede em 2023 em todas as escolas da rede você tenha pelo menos um curso de educação profissional.

Hoje nós estamos presentes em mais de 320 municípios com pelo menos um curso em cada escola dessa.

Então a ideia é que em 2023 todas as escolas ofertem as duas modalidades: o ensino médio regular e a educação profissional, permitindo ao estudante fazer a opção e permitindo ao estudante fazer exatamente a migração.

Na segurança pública, inclusive, até provavelmente no dia de hoje ou melhor no dia de amanhã, nós deveremos lançar um ousado edital o que nós estamos chamando de vídeo polícia. Já há uma experiência em curso com reconhecimento fácil, com utilização de tecnologia no combate ao crime. E agora nós vamos fazer isso acrescentando a essa estrutura que a gente tem 22 centros espalhados no estado. A gente tem o nosso centro aqui em Salvador, o COE. Agora, nós vamos lançar um edital para consolidação de mais 22 centros espalhados na Bahia num projeto chamado Vídeo Polícia.

Portanto, a ideia é incorporar os municípios, a iniciativa privada, para que você tenha a possibilidade efetiva de garantir a chamada cobertura de segurança em todo o estado da Bahia. A ideia desses centros: atender os municípios em relação a essa questão que envolve toda a parte de violência, principalmente os núcleos de acompanhamento; a questão da infraestrutura, essa questão de programas principalmente associada algumas coisas envolvendo as escolas, os hospitais, toda a estrutura em volta como é que você garante isso para você proteger os espaços públicos, mas com uma preocupação central.

A ação de segurança ela tem que ser voltada não para o patrimônio, mas voltada para as pessoas. Portanto, de maneira a integrar isso e você ter cada vez mais a estrutura servindo e dando as pessoas a garantia de que elas vão poder circular, ir para a escola,

o seu local de trabalho e, permanentemente ter um nível de cobertura da parte de segurança, usando todo tipo de infraestrutura que a gente pode usar hoje principalmente na área de tecnologia.

(Procede-se à apresentação de slide.)

A parte de infraestrutura que é uma das questões mais complicadas, e eu quero chamar atenção sobre o investimento, mesmo nesses momentos de crise, para o Orçamento do ano que, estamos projetando um investimento na ordem de 2,8 bilhões direto, com as inversões de 1,2 bilhão, nós vamos chegar a quase R\$ 4 bilhões de investimento no primeiro ano do PPA. Então, assim a ideia é que se possa, cada vez mais, expandir essas áreas de infraestrutura.

A Bahia tem se notabilizado nessa área de energia, inclusive, a Bahia também vai lançar, acredito eu que nos próximos 15, 30 dias a gente está decidindo com a Secretaria da Infraestrutura uma modelagem para os prédios públicos usando energia limpa, de preferência vamos usar energia solar, não só na expectativa da redução de custo, mas buscando eficiência.

E, portanto, o estado sendo já, de forma bem enfática, o alavancador dessa política para você para você expandir isso na sociedade. Universalizar esse acesso à energia elétrica. E eu estava me lembrando hoje, viu Neusa, você que algumas vezes andou comigo ali naquele Vale do Santo Onofre, hoje seu estava conversando com o pessoal da Absolar que a gente está fazendo um projeto ousado na área de energia solar. Eu comentava com eles que, em 1998, lá, com Vitorino, ali no final do Vale do Santo Onofre, a 70 quilômetros mais ou menos, ali, saindo da volta da serra para dentro, a primeira vez, em 1998, a gente colocou uma placa solar, na casa desse agricultor Vitorino. E ele me dizia assim: “Pinheiro, esse negócio vai funcionar, rapaz? Eu quero um negócio de um par de fios aqui.” E, hoje, a gente está em uma outra escala. Eu me lembro que era uma dificuldade para a gente botar uma bateria, botar uma placa solar. E Vitu, ali, fabrica ainda, até hoje, a cachacinha dele para vender e produz o requeijão.

O Vale do Santo Onofre, o Santo Onofre, do lado direito, tem pequenos agricultores; do lado esquerdo, idem, Bobô, bem divididozinho, assim, só com pequenas propriedades. Começa no primeiro local em que eu me lembro bem, na casa de um sujeito que a gente chamava de Eliezer; depois, chegava ao meio, na casa de Zé Rabada; e, ao final de 70 quilômetros do Vale do Santo Onofre, lá na casa de Vitorino.

E, Olívia, quando eu ia para lá, àquela época, era uma dificuldade. Eu tinha que largar o meu carro na entrada, em volta da serra, e pegar o ônibus, porque o meu carro não aguentava passar nessa estrada. Eu ia na rádio, na Lapa, Marcelino, e avisava lá na rádio: “Olhe, Vitorino, eu estou chegando aí”. Não pegava celular lá dentro.

É outra coisa que nós acabamos de fazer, aqui, na semana passada. A Bahia contratou um projeto chamado Fala Bahia. Nós vamos botar em mais de 150 localidades em que não chegam sinal de celular. Nós fechamos com algumas operadoras a entrega, também, desse serviço de celular. Acabamos de fechar. Uma empresa nos avisou, hoje, que já botou em Travessão, a primeira experiência,

Rosemberg. E, agora, tem mais 149 para a gente ativar nos próximos dias, aí, em relação a essa questão da cobertura. Então, vamos expandir isso.

E uma expansão importante que nós estamos fazendo, uma licitação que o estado está soltando também, entre essa semana, provavelmente, eu espero até que a gente consiga fazer isso até quarta-feira, que é a história de banda larga na Bahia.

Portanto, quanto à estrutura de banda larga, nós estamos lançando o projeto chamado Rede Governo Conectado. Na expansão, a mesma coisa, pois nós estamos fazendo em todo Nordeste. É o desafio de consolidar essa estrutura de banda larga em todo o estado para a gente ter o atendimento.

E há a história da malha viária para atrair investimentos na área de energia renovável. Eu, agora, vim de uma reunião, por exemplo, em que nós conversamos com os gigantes mundiais nessa área de energia. Os franceses, hoje, na realidade, se comportam como a segunda maior empresa nessa área de energia no mundo, a Total Energia. Os espanhóis já estão aqui na Bahia como a Gamesa. O Cernec fez uma grande parceira com a gente. O Cimatec, também, fez parceria para uma área de desenvolvimento e pesquisa, principalmente, para a gente poder desenvolver a partir disso.

A promoção da expansão de forma bem mais acentuada dessa estrutura de aeródromos e de aeroportos. Eu acho isso importante. Eu vi, até, numa das emendas que foi apresentada aqui, muita gente pedindo. Esse é um programa que nós estamos abrindo.

E, hoje, é bom frisar, principalmente, para a turma do Extremo Sul. Há uma das já interessadas. Nós recebemos já o chamado *masterplan* para o novo aeroporto de Porto Seguro. Portanto, a ideia é que aquele aeroporto seja deslocado para outra área, pois, ali, não há mais condição nenhuma de ampliação.

Então, portanto, vamos construir um novo aeroporto em Porto Seguro. Porto Seguro, hoje, em número de mobilização de passageiros, é o 4º principal aeroporto do Nordeste, só perde para a cidade de Salvador, Recife e Fortaleza. Portanto, é o 4º aeroporto. Então é importante que a gente, também, promova a ampliação disso.

Então, nós temos outros desafios aí para a frente. Como, por exemplo, há o caso da malha, ali, na região da Chapada; a malha na região Sul, o caso do aeroporto de Ilhéus. Sim, Irecê, principalmente aquela região. A ideia é que a gente consiga fazer toda uma reestruturação da malha aérea no estado da Bahia visando, exatamente, a duas coisas. Principalmente, a estrutura para transporte de passageiros, mas também possibilitar a história de passageiros que vêm para a Bahia, mas que vêm com turista. Então, portanto, a intenção é a de levar divisas para esses lugares.

Ali em Irecê, na região de Irecê, por exemplo, minha cara Fabíola, tem uma área que, talvez, poucas pessoas saibam, mas é uma das áreas de maior valor de pesquisa arqueológica na cidade de Central. A gente recebe gente do mundo inteiro. Os grandes pesquisadores e os grandes arqueólogos têm se instalado ali. Então é uma oportunidade não só da gente ajustar uma política para evitar determinados tipos de ações, assim

como também para permitir, cada vez mais, ampliar o conhecimento de qual é o potencial que nós temos naquela área.

E, na Chapada, Fabíola, a gente está discutindo muito com algumas das organizações mundiais. Eu, agora, tive a oportunidade de dialogar com o grupo que promove as principais provas de ciclismo na Europa, *La Vuelta*, na Espanha, e a *Tour de France*. Nós estivemos conversando com esses organizadores. Estamos chamando essas figuras para o desafio de se fazer o Tour da Chapada ou a volta da Chapada. Agora, no bom baianês, vamos dar a volta, meu bichinho!

Então, portanto, de forma bem enfática, para você permitir a utilização da beleza natural e, ao mesmo tempo, a prática de determinados tipos de atividades num lugar tão belo quanto aquele.

E digo isso, Fabíola, porque quando eu conversava com uma das pessoas, agora, nessa quarta-feira próxima passada, o sujeito me dizia assim: “Oh, Pinheiro o que vou fazer no Brasil? Vou atrás de praia? Eu sei que você pode até achar que sua praia é melhor do que a nossa. Mas, no verão, aqui eu me mando para a Córsega. Eu tenho uma praia bem perto de casa. Eu quero ir lá para ver um negócio que eu não tenho aqui, Pinheiro. Eu quero ir para a serra, quero ir para a Caatinga”.

E o outro aspecto importantíssimo que essa infraestrutura traz é a questão do aspecto cultural. As pessoas vêm atrás dessa cultura para conhecer a culinária, para conhecer todo o traço cultural nosso. Então, esses atrativos só são possíveis do ponto de vista da sua viabilização se a gente ofertar infraestrutura suficiente para esse movimento. Agora, quanto à infraestrutura, ela é fundamental para quem lá vive, para que as pessoas possam ter a possibilidade do deslocamento e do escoamento da sua produção.

Bem, esse quadro trata das questões que envolvem as áreas de ciência, tecnologia e inovação.

Eu falei, aqui, da grande parceira que a gente tem com o Cimatec. O Cimatec é, hoje, o terceiro centro de pesquisa do Brasil. Eu costumo sempre ousar. Eu tive a oportunidade de participar do nascedouro do Cimatec e participo até hoje da estrutura. Por isso, falo com muito entusiasmo de alguém que viu aquilo ali se transformar, na minha opinião, no principal centro do Brasil.

Há outros dois que estão à nossa frente, meu caro Rosemberg. Um é do setor de petróleo, que é efficientíssimo em águas profundas, mas ele é focado no setor de petróleo. O outro é do setor elétrico, que avançou consideravelmente, mas é monotemático.

O nosso Cimatec ganhou expertise. A América Latina tem dois supercomputadores, dois. Um está no Cimatec, e está chegando até o segundo, para ativar o segundo. O outro está em São Paulo. No mundo, a gente só tem 100 supercomputadores como esse que a gente tem no Cimatec. E, hoje, no Cimatec, nós desenvolvemos muito pesquisas para águas profundas, teste de resistência. Agora, estamos construindo a segunda etapa chamado Cimatec industrial, onde nós teremos, lá, túnel de vento, pista de prova.

Para vocês entenderem o que significa isso, sabem como o Brasil testa os seus carros? Às vezes, bota em um navio para levar a pistas de prova lá fora ou para rodovia, meu caro Eduardo, para uma rodovia estadual, durante a madrugada, para testar um carro produzido no setor automotivo.

Então, ali no Polo, em Camaçari, bem na Via Atlântica, está sendo erguido o Cimatec industrial, nessa grande parceria com o estado, e, mais ainda, fomentamos com isso a relação com o parque tecnológico.

Isso permitiu a gente avançar, lá, no cacau Rosenberg, com o parque tecnológico. Criamos o primeiro instituto de identificação geográfica do cacau. Estamos fazendo com o cacau, já há 2 anos, a mesma coisa que o mundo inteiro faz com a uva e com a azeitona. O objetivo é dizer qual a denominação de origem.

Agora, estamos concluindo um *software* para fazer a leitura efetiva do cacau. O cacau, quando ele é levado para esse centro, para fazer a pesquisa, a olho nu, eu, por exemplo, toda vez que boto o olho lá, eu brinco com as técnicas que trabalham lá que digo; “Não consigo discernir fungo de gordura, pois os dois são branquinhos.”

Agora, a gente vai fazer isso no *software*, Rosenberg. Então, aquela coisa de botar o pé ali no cacau, na barça, aquilo é histórico, é bonito, mas não é nada associado à qualidade.

E por que nós estamos fazendo essa disputa? Porque nós entramos, de novo, na disputa mundial do cho-co-la-te. Não é para exportar grãos lá para fora! Nós vamos, agora, no dia 30 de outubro, para o salão do chocolate, não levando a boa amêndoa da Bahia, mas vamos levar o ótimo, o excelente, o disputadíssimo chocolate produzido na Bahia.

Tem algumas empresas do mundo que dizem assim: “O nosso chocolate tem mais leite que os outros.” O nosso chocolate tem cacau. O nosso chocolate é puro! O nosso chocolate é disputado! Eu tive a oportunidade, Rosenberg, de levar uma caixa de chocolate produzida ali na região de Ilhéus para um dos maiores chefes de cozinha do mundo, o Ferran Adrià. Na primeira vez, levei uma caixa desse chocolate para ele. Logo em seguida, ele me ligou perguntando: “Venha cá, virão outras caixas? Porque eu não acho nada igual.” A Bélgica não tem um pé de cacau, mas tem as suas marcas de chocolate enaltecidas no mundo inteiro.

Então, portanto, esse é um desafio importante para a gente estar associando ciência, tecnologia e inovação a uma parceria com a UESC, que é bom frisar aqui, é bom que todo mundo saiba, pois a UESC é uma das melhores universidades hoje em biotec do Brasil, repito, na área de pesquisa em biotecnologia do Brasil.

Então, portanto, esse é um parâmetro, que eu diria, decisivo nesse campo de batalha para a gente trabalhar: a indústria 4.0, o uso de tecnologia no campo na agricultura familiar, para a gente trabalhar com os agricultores na questão da acidez do solo, na melhoria efetivamente das técnicas de utilização, portanto fazendo esse acompanhamento. Nós estamos trabalhando com projetos dessa magnitude e, também, o uso de inovação na área da saúde.

É importante lembrar. Hoje de manhã, por exemplo, eu estive no Hospital das Clínicas. Nós estamos fechando uma grande parceria para ampliar o desenvolvimento de pesquisa de células-tronco, não para a gente ficar comprando negócio de prótese para o joelho, Zé Raimundo, mas a gente começar a trabalhar, como já se trabalha, a partir dessa parceria com o estado de células-tronco, para você promover a regeneração de cartilagem. Portanto, numa pesquisa desenvolvida com a UFBA e o estado da Bahia e com verbas que nós estamos colocando nessa iniciativa.

A área de trabalho, emprego e renda, portanto, essa estrutura de você ir criando o desenvolvimento local para gerar postos de trabalho e as iniciativas são importantes.

Quanto ao destaque do setor produtivo, durante este ano, por exemplo, nós estamos aumentando em 23%, no orçamento, a verba para agricultura. É uma expansão como nunca na agricultura familiar para você trabalhar esse desenvolvimento produtivo como uma das questões mais importantes. Inclui-se a atração de investimentos.

O número, principalmente, da indústria criativa e da indústria cultural. Essa é uma questão, Olívia, importantíssima. A gente trabalhou muito essa questão: a cultura como elemento fundamental nessa área de desenvolvimento, nessa área de geração de postos de trabalho, ao mesmo tempo, cumprindo o seu papel que é o papel, inclusive, de formar. Como sempre costumo dizer, a cultura é raiz da educação. Então é importante se trabalhar isso.

Há o problema do desenvolvimento urbano, com a questão da terra, a questão da infraestrutura de lazer, o sistema de mobilidade urbana, portanto cada vez mais avançado.

A Bahia, em 5 anos, conseguiu entregar um dos maiores trechos de metrô. Começamos a obra do VLT, Olívia. Eu peguei muito aquele trem ali em Paripe para vir para Escola Técnica, descia na Calçada; subia a ladeira depois de Água Brusca para ir para a minha escola. Saía de lá às 4 horas da manhã. Agora, o nosso VLT vai chegar à Ilha de São João.

Da Ilha de São João até o Terminal da França será com o VLT. E lançaremos, ainda, até o final deste ano, o outro ramal de VLT, saindo de Lauro de Freitas e chegando a Camaçari.

Portanto, os corredores, a estrutura viária, esse desafio da estrutura hídrica, que é a questão das ligações, abastecer as localidades, a questão de água e esgoto, que é importante, contando com o número de domicílios atendidos. Há de se trabalhar o processo principalmente de acompanhamento dessas nossas barragens, sejam barramentos, sejam barragens, para poder a gente ter uma capacidade não só de gerenciamento e manejo d'água, mas, principalmente, para garantir a segurança do uso desses equipamentos.

É importante lembrar aqui o desafio que nós estamos fazendo na recuperação aqui do Joanes, a questão do abastecimento de água na região do Litoral Norte, e a mudança do sistema de abastecimento de água para toda a região de Feira de Santana, adentrando ali no chamado Portal do Sertão.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O desenvolvimento rural. Eu acho que é fundamental a gente enfatizar isso, o próprio processo de assistência, fomento à produção. Nós temos grandes parcerias nessas áreas. Hoje é impressionante como a gente está efetivamente trabalhando a questão de famílias envolvidas.

Essa semana, Rosemberg, a gente fez uma reunião grande com o pessoal ali da região de Juazeiro, e aquelas cooperativas e toda aquela atuação. Nós temos ali seis mil famílias empregadas naquele projeto – um projeto específico! Qual é a atividade aqui que gera essa quantidade de postos de trabalho ou de renda para as pessoas, isoladamente, para você pegar um projeto como esse?

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

Isso em linhas gerais. Obviamente, o objetivo é exatamente pontuar alguns desses pontos, mas, principalmente, a gente deixar claro a oportunidade de dialogar com esta Casa. E quero aqui de novo reafirmar ao Líder do Governo a nossa disposição em voltar, aí, sim, para discutir agora a peça orçamentária, a materialização já dos primeiros atos, no primeiro ano desse PPA, lembrando às Sr.^{as} e aos Srs. Deputados que é importante a gente ter a clareza, do ponto de vista das emendas. Nesse caso do PPA, se trabalha muito mais com metas do que com valores – Zé Raimundo ali, nosso relator.

Então, portanto, espero, até recebi o convite dele para a gente fazer a discussão do PPA lá no Sudoeste... o pessoal do Extremo Sul já me pediu hoje: “Diga a Zé Raimundo que eu quero que ele venha aqui.” Eu disse: Se ele for, se ele me chamar, eu vou!

Então, portanto, ampliando esse debate, consolidando essa estrutura e ao mesmo tempo eliminando essa distância e tratando a votação de matérias como essa de maneira a entender, compreender, e eu diria cumprir aquilo que vem exatamente de um processo que todas as senhoras e os senhores se acostumaram a viver, que é a partir do diálogo com a base e, principalmente, a base territorial.

Era isso. Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. Rosemberg Lula Pinto: Sr.^a Presidenta, a ideia, na realidade, era essa de trazer aqui... Primeiro pedi... O deputado Targino tinha uma agenda agora às 17h, mas ele retornará, pediu, inclusive, que anunciasse aqui a saída dele, mas ele vai retornar. A ideia era verificar se os deputados tinham alguma dúvida em relação a isso, para que pudessem perguntar ao secretário – talvez duas, três intervenções. Depois, nós, obviamente, iríamos para a sessão extraordinária.

Queria aproveitar e ponderar, aqui, com os deputados. Hoje, nós temos os projetos de deputados. São projetos, comendas e títulos a serem votados. Eu conversei com o deputado Targino, que tem um projeto do fundo de segurança pública. E, com a alteração no plano federal, nós temos que readequá-lo. Obviamente, vamos tentar ver

se por acordo, se houve a possibilidade de votar hoje aqui, porque isso acaba impedindo as verbas de segurança pública de chegar à Bahia, que é tão importante para todos os municípios. Então, eu volto a palavra à presidenta para verificar se algum deputado tem interesse.

A Sr.^a PRESIDENTA (Ivana Bastos): Coloco, aí, à disposição para algum deputado que queria se manifestar, se tem alguma pergunta, como a gente não tem aqui nenhuma relação.

O Sr. Hilton Coelho: Pela ordem, Sr.^a Presidente!

A Sr.^a PRESIDENTA (Ivana Bastos): Então o deputado Hilton Coelho, inicialmente. Podia pegar, aí, deputado Rosemberg, ir anotando aí por ordem, por favor!

Deputado Hilton.

O Sr. Hilton Coelho: O.k., primeiro, parabênizo, aqui, a vinda do secretário para fazer essa exposição. Acho que, de alguma forma, isso dá luz à importância do PPA. A gente, sempre, trata, aqui nesta Casa, o PPA como o verdadeiro programa de governo. Nós, do PSOL, do PCB e da Unidade Popular, sempre, ocupamos esta tribuna para tratar do tema. Observamos que a proposta está, apenas, no programa eleitoral e não passa pelo PPA. Na verdade, não extrapola a condição de carta de intenção ou direciona, durante os 4 anos, do que vai ser esse governo ou, na verdade, não tem qualquer efetividade.

Mas, Secretário, me chamou a atenção que o senhor fez observações iniciais sobre a questão da participação. Aliás, a própria definição do planejamento como planejamento participativo. E nós queríamos dizer que, desde que entramos aqui nesta Casa, a nossa relação com o conjunto de setores do serviço público tem sido bastante intensa. Para materializar nesse processo de discussão do PPA, eu ressaltaria, aqui, o setor de educação, o setor de saúde, o setor de segurança pública e o de moradia, só para dar alguns exemplos.

Em todos esses, marcadamente, segurança pública, não sei se eu citei, mas também todos esses segmentos se posicionam, ou seja, têm uma leitura muito cética em relação ao envolvimento deles diretamente. As pessoas que fazem, portanto, educação, seja da rede básica, seja das universidades, as pessoas que fazem a saúde pública, a segurança pública e os segmentos organizados, por exemplo, do debate sobre a questão da moradia e da mobilidade, eu queria acrescentar o elemento da mobilidade aqui, se ressentem muito da falta de debates sobre as políticas públicas, inclusive aqui nesta Casa.

Eu quero marcar aqui que, durante o processo de greve das universidades federais, as pessoas e os profissionais declararam que, durante anos, se tentou fazer uma audiência pública para discutir as universidades públicas estaduais e não se conseguiu.

E quero concluir fazendo uma pergunta ao secretário. Não me parece que esse espírito tenha sido superado. Eu daria o exemplo das universidades. O que nós estamos

percebendo é um bloqueio em relação ao debate sobre os destinos das universidades, contingenciamento de recursos, de perspectivas para as universidades.

Nas escolas estaduais, nós temos uma polêmica instalada agora sobre a gestão através das OSs, então, para esses profissionais não existe democratização no debate. Na área de saúde existe um reclame geral sobre os processos de terceirização, ou seja, diretamente sobre a gestão da área de saúde no nosso estado.

O senhor secretário falou aqui do chamado VLT do subúrbio que na verdade não é um transporte sobre trilhos, é um transporte sobre pneus e, portanto, tem levado a uma verdadeira conflagração do chamado subúrbio ferroviário, inclusive de outros municípios. Ontem, estive em Alagoinhas fazendo uma audiência pública, participando, perdão, de uma audiência pública sobre essa proposta que não deveria se chamar de monotrilho e sim de polipneus, o que tem várias decorrências, inclusive para a perspectiva de se ter um trem regional.

E por fim, o setor de segurança pública também fala que não tem uma discussão, não existe envolvimento no debate no destino da segurança pública e a questão da moradia. Eu queria, portanto, se o Ex.^{mo} secretário pudesse detalhar o que foi esse processo de participação popular focado naqueles que fazem, que fazem o serviço público, os servidores que estão ali no chão da escola, no chão das delegacias, dos quartéis, enfim, em todos esses segmentos como é que foi a participação efetiva deles de maneira direta na condução desse PPA.

A Sr.^a PRESIDENTA (Ivana Bastos): Foi decidido aqui com o secretário, vamos ouvir duas, três pessoas e depois ele vai respondendo em bloco.

Com a palavra a deputada Fabíola Mansur.

A Sr.^a Dra. Fabíola Mansur: Deputada Ivana, lhe saudando, saudando o nosso secretário de planejamento Pinheiro e parabenizando pela forma competente e moderna com que traz o PPA apresentado aqui para esta Casa e também saudar os líderes da minoria deputado Targino e da maioria nosso deputado Rosemberg por fazer essa formatação de sessões ordinárias intermediadas pela sessão especial para que a gente possa votar e de forma transparente tomar pé exatamente do planejamento plurianual.

Minhas considerações, secretário Pinheiro, primeiro parabenizar também pelo grande número de escutas que foram feitas, pela grande participação de pessoas na construção coletiva desse PPA e também por fazer um programa participativo para o desenvolvimento da Bahia.

Eu quis sinalizar algumas emendas ao PPA com o sentido de colaborar para priorizar algumas áreas. V. Ex.^a sabe que presido a Comissão de Educação, Cultura, Ciência, Tecnologia e Serviços Públicos e a área de cultura falando especificamente ela precisa sempre de investimentos. Nós temos defendido aqui, os diversos deputados que integram a comissão, um orçamento ou um planejamento de orçamento maior para a cultura, vimos que os investimentos... ali a cultura, a Sepromi e a secretaria de políticas para mulheres, aparece com menos de 1% desse orçamento e obviamente muitas vezes se faz necessário a gente... a defesa dessa ampliação de investimentos porque acreditamos que acultura, sim, é um grande polo como V. Ex.^a muito bem

mencionou para a geração de emprego e renda e para o desenvolvimento de um estado tão diverso quanto a Bahia.

E nesse sentido apresentamos emendas. Emendas que beneficiam a cultura, sobretudo no recôncavo baiano que tem um grande potencial e precisa de novos investimentos que não dependam apenas de editais, também uma política que acredito que ficou com poucos investimentos, que é uma política das filarmônicas. A gente precisa estar visualizada em ações, porque filarmônicas todos os municípios praticamente têm, inclui majoritariamente a nossa juventude.

No quesito das mulheres, e hoje quero aproveitar o primeiro dia do nosso Outubro Rosa, com todas as mulheres empenhadas em ampliar o acesso de mulheres ao rastreamento do câncer de mama. Nós vimos debatendo, eu e a deputada Olívia, que presidente a Comissão da Mulher, as deputadas Ivana, Neusa Cadore, Jusmari, Fátima Nunes a criação no PPA, marcar o fundo, deputado Rosemberg, o Fundo de Enfrentamento à Violência. E por que é importante estar no PPA? Porque é a sinalização do nosso governador, para além das ações em segurança pública, na Secretaria de Políticas para as Mulheres, de que nós vamos ter uma ferramenta de ampliação desses investimentos, à luz de um momento de cerceamento pela crise econômica. O fundo permite que doações de organismos internacionais e nacionais possam complementar aquilo que seriam investimentos nas políticas para as mulheres.

Então, lógico que nós sabemos que as ementas, as metas, as estratégias contemplam isso, secretário Pinheiro, mas eu acho que, como ação adicional à criação do fundo, acho que seria importantíssimo.

Na área da Educação ainda – não vou me alongar muito, mas, como fiz emendas, quero defendê-las aqui –, nós temos e são muito importantes as nossas estaduais para a estratégia de desenvolvimento econômico no nosso estado. E nós temos demandas de vários cursos, a exemplo da região de Irecê, onde nós temos demandas altíssimas de cursos estratégicos, como bacharelado em Administração, que é um curso que tem seis candidatos para uma vaga num polo comercial, um polo de saúde, num polo educacional. E nós precisamos sinalizar isso no PPA, a ampliação dos nossos cursos superiores que visem incluir e fomentar muitas áreas de conhecimento, e aí precisam de mais investimentos. Ainda falando de Irecê, para finalizar, nós colocamos no plano de infraestrutura o projeto de engenharia para os dois aeroportos de Irecê e Feira de Santana...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

Com a sua vênia, 30 segundos. Porque entendemos que, no programa de aeroportos regionais do governo federal, logicamente é necessário que o estado faça a contrapartida desse projeto de engenharia. E nós temos a necessidade da requalificação daquele aeroporto, bem como do de Feira de Santana.

Na saúde, colocamos uma coisa que é a questão da hemoterapia em nosso estado. Nós temos um déficit de doação de sangue e precisamos de políticas no PPA que sinalizem a correção disso.

Seriam essas as contribuições, parabenizando mais uma vez pela democracia com que V. Ex.^a ouviu a todos, as escutas, esperando que esta Casa possa aprovar o PPA, aprovar as emendas e estar sempre colaborando com a Secretaria de Planejamento e com o crescimento da Bahia.

Parabéns, secretário Pinheiro.

A Sr.^a PRESIDENTA (Ivana Bastos): Com a palavra, o deputado Jacó.

O Sr. Jacó Lula da Silva: Sr.^a Presidente, secretário Pinheiro, queria saudá-lo e agradecer pela sua disposição de estar vindo aqui dialogar com esta Casa.

Eu queria, de forma direta, parabenizar pela compreensão e pela organização do plano, pelas suas metas, como todo esse processo de escuta, de consulta foi sistematizado. Eu queria parabenizar toda a equipe do governo pela condução dos trabalhos e pela apresentação desse PPA.

Mas eu queria fazer algumas sugestões e inquietações: com relação ao território de Irecê, queria reforçar se essa questão do aeroporto de Irecê, o aeródromo, ele está incluído nesse processo, porque é uma demanda importante, ela está vinculada a essa questão da arqueologia lá do município de Central que V. Ex.^a falou?

Mas eu queria lhe lembrar também uma coisa, deputado Pinheiro, que outro dia estive em Sento Sé. E Sento Sé é o município que tem a maior área de caatinga em pé do planeta. E é um potencial turístico, também. E fica ali do lado de Irecê.

Então eu queria que V. Ex.^a pensasse, porque acho que essa integração de dois territórios... e para Sento Sé o aeroporto de Irecê, com certeza, vai ajudar muito, porque ali é cruel e ali é uma caatinga imensa e até para o turismo, para as pessoas conhecerem a nossa dinâmica.

Queria, também, saber de V. Ex.^a de forma muito clara: vocês pensaram nas delegacias das mulheres nessa conta da segurança pública? Tem esse equipamento, porque é uma demanda que é pautada nos diversos territórios e com certeza saiu nessas escutas, porque nós precisamos dar um basta no feminicídio, no assédio.

E nesse momento de normalização de agressões às mulheres, do feminicídio, a sociedade baiana também clama por esse tipo de equipamento. E queria saber de V. Ex.^a como que isso está incluído.

Queria também saber, porque isso é uma demanda do nosso povo, do meio rural, o senhor falou da inclusão produtiva, nos projetos de inclusão social produtiva. Falou do acesso à água, mas queria saber da cisterna, especificamente. Como é que está contemplado nesse PPA, um programa mínimo de cisterna, de acesso à água, tanto de primeira água quanto de segunda água?

No mais, era só agradecê-lo, parabenizá-lo e “tamos” juntos nessa caminhada.

A Sr.^a PRESIDENTA (Ivana Bastos): Deputada Olívia Santana e em seguida o Pastor Tom.

A Sr.^a Olívia Santana: Primeiro quero saudar o secretário Pinheiro, dizer da importância dessa presença dos secretários do governo do estado aqui nesta casa. Já foram mais de 50 visitas de secretários, de representações das secretarias dentro de uma

perspectiva de debate aberto e de valorização da Assembleia Legislativa do estado da Bahia.

Secretário Pinheiro, V. Ex.^a com essa experiência vasta, já foi senador, deputado, vereador e já foi até presidente da comissão da mulher da Câmara Municipal de Salvador quando foi vereador.

Eu ouvi V. Ex.^a, a sua exposição, essa visão que o governo tem sobre as políticas públicas de maneira macro que orienta o PPA, mas eu gostaria, também, secretário, de, elogiar todas as boas notícias que V. Ex.^a nos trouxe, principalmente, na área da tecnologia, da ciência e da tecnologia, de cobertura, inclusive, da rede de *wifi*, de celular, de ligações que precisam acontecer para garantir uma aproximação do interior da Bahia dessa era digital que nós estamos vivenciando, que é um absurdo.

Nós estivemos acompanhando o governador em Alagoinhas, num distrito de Alagoinhas, e de repente, presidenta, era para inaugurar pavimentação asfáltica. E tinha diversas pessoas organizadas, pedindo extensão, cobertura de rede celular naquele distrito, que as pessoas têm dificuldade de se comunicar.

Então, de fato, V. Ex.^a tem trajetória nessa área. Já foi, inclusive, presidente da Comissão de Ciência e Tecnologia da Câmara dos Deputados, portanto, acho que essa é uma questão fundamental. Nós não podemos falar em modernidade, não podemos falar em avanço tecnológico, sem garantir esse acesso a algo que, para a cidade, a capital baiana já é trivial, mas que para muitos rincões ainda é algo muito distante.

Então, nós temos que incorporar cada vez mais a população nesse mundo da tecnologia. Essa valorização, também, das nossas universidades estaduais e seus centros de pesquisa e também de tecnologia, em contraposição a esse desmonte que tem sido feito, do governo federal em relação a conquistas importantes, é estratégico pensar a inserção da Bahia no mundo tecnológico, e também as boas notícias sobre o cacau.

Eu considero que a Bahia não pode ser somente aquela que produz o cacau, mas ela tem que ter uma grande indústria de transformação, de garantir, de fato, que o cacau vire chocolate, e que a gente possa ser, sim, no futuro próximo, um estado destacado na produção de chocolate.

Por fim, eu gostaria que V. Ex.^a fizesse referência a duas questões que eu considere, que eu senti falta na sua fala. A primeira, é que na exposição da distribuição dos recursos, é sintomático ver na síntese da exposição, um elemento que tinha em outras secretarias, que ali compõe a SPM, a Sepromi, com orçamento ainda muito diminuto. Eu sei que são secretarias-meio. Entretanto, o crescimento do feminicídio no nosso estado, que cresceu em 6% no ano passado, o fato de a Bahia ser o estado que assumiu e ingressou... assumiu o pacto com as Nações Unidas, em relação a década da afrodescendente, eu esperava que no PPA...

(A Sr.^a Presidenta faz soar as campainhas.)

(...) esses elementos estivessem também numa perspectiva macro. Políticas de enfrentamento ao racismo e às desigualdades étnico-raciais no estado, para a população

negra e a população indígena, e um aporte mais vigoroso em relação às políticas para as mulheres, buscando fazer da Bahia também um estado...

(A Sr.^a Presidenta faz soas as campanhas.)

(...) exemplar na redução da violência contra as mulheres e do feminicídio, que é a pior face da violação sustentada pela misoginia e pelo patriarcado.

É isso e muito obrigada pela sua tolerância, presidenta.

A Sr.^a PRESIDENTA (Ivana Bastos): Quero registrar, aqui, e agradecer, com muita honra, a presença do deputado Kennedy Nunes, de Santa Catarina, que é o presidente da Unale. (Palmas) Também do deputado Ricardo Barbosa, da Paraíba, que é o vice-presidente da Unale e está nos visitando aqui hoje para tratar da nossa conferência, que será nos dias 20, 21 e 22/11, aqui em Salvador. (Palmas)

O último deputado inscrito é o deputado pastor Tom, depois passo a palavra ao secretário Walter Pinheiro.

O Sr. Rosemberg Pinto: Ele só não pode falar de Feira de Santana.

A Sr.^a PRESIDENTA (Ivana Bastos): Aqui só falaram de Irecê.

O Sr. Pastor Tom: Inicialmente, quero agradecer a Deus por essa oportunidade. E trazer um assunto importante aqui para o secretário, que ouvi atentamente a explanação do planejamento do PPA, e fiquei com algumas dúvidas.

Por exemplo, em Feira de Santana existe o centro de convenções que está parado há 12 anos, por falta de recursos. E o senhor trouxe para nós aqui metas para acontecerem nesses 4 anos. Também em Feira de Santana existe um bairro chamado Estação Nova, conhecido como a Rocinha, que o esgotamento sanitário acabou. E quando chove naquela comunidade, as pessoas têm que colocar um barco, uma canoa.

Então eu vi a humildade do senhor de trazer para nós aqui esse esclarecimento para que a Bahia realmente venha a crescer, venha a se desenvolver. O senhor falou algo tão interessante aqui do governador Corrêa, que ele correu na frente. Deixar bem claro que não é atribuição, meu caro amigo, deputado Alex da Piatã, por quem eu tenho uma estima muito grande, pois se fosse atribuição do município eu tenho certeza que já tinha sido executado, mas quando a gente fala de esgotamento sanitário é atribuição do governo do estado.

E como morador daquela cidade, como morador de um dos bairros periféricos, eu luto para ver aquele bairro ter dignidade. Secretário, eu queria ter a oportunidade de visitar aquela comunidade com o senhor. Quando o senhor puder passar por Feira de Santana para eu mostrar o que o povo está passando. É humilhante demais, porque entra ano e sai ano e a gente não vê aquele bairro se desenvolver.

Então eu queria saber, com essa humildade que o senhor está aqui nos apresentando, se existe, de alguma forma, recursos para essas obras que aqui falei ao senhor, centro de convenções e especificamente o esgotamento sanitário, não só da Estação Nova. Estou falando da Estação Nova porque as pessoas estão sofrendo.

E mais, o senhor falou algo aqui sobre a cultura, o senhor falou algo aqui também muito interessante sobre o turismo. Eu vi que o turismo está bem voltado para as

cidades que tem praia, Feira de Santana não é uma cidade que tem praia. Mas nós temos lá um mercado de arte, que a gente não vê nenhum investimento na área da cultura, na área do turismo para a segunda maior cidade maior da Bahia. E peço a Deus que um dia eu venha a desfrutar, que Feira venha a desfrutar de um turismo muito bacana investido pelo governo do estado.

Essa é a minha colocação. E que Deus abençoe o senhor nessa caminhada e torço para que a Bahia venha a dar certo.

A Sr.^a PRESIDENTA (Ivana Bastos): Secretário Pinheiro.

O Sr. Walter Pinheiro: Bom, quanto à questão da participação, Hilton, acho que foi muito importante. Eu não sei se ... A gente até fez questão de destacar isso, os setores de segurança pública, educação e saúde foram os setores onde nós tivemos, inclusive, o maior número de participação de servidores dessas três áreas. Muito comum, inclusive, não só no pleito, que é até legítimo, natural e correto, no pleito desses setores em relação às melhorias das condições salariais, a melhoria de trabalho, etc., mas, principalmente, com grandes contribuições do ponto de vista da definição dessa capilaridade e qualidade da educação. A própria questão da modificação da estrutura da saúde, recebemos exatamente as contribuições de quem vive, quem trabalha, quem labora a saúde no dia a dia.

E essa integração entre o que é a atenção básica e a possibilidade de você encaminhar para essa política dos exames, da internação, dessa questão da unidade hospitalar, da chamada especialidade, essas foram as áreas, inclusive, que nós tivemos grandes contribuições. E até, volto a frisar, eu cheguei a citar isso na minha fala, um dos pontos mais levantados, do ponto de vista dessas audiências públicas na área da saúde, pelos servidores foi exatamente a expansão da política de policlínicas num processo em que pudéssemos até reduzir...

Em um território, geralmente você abriga ali 25, em alguns casos 30 cidades, em outro até você reduz para vinte e poucas, enfim, às vezes, você tem uma política de deslocamento que é extremamente, eu diria, mais difícil por conta da oferta de transporte. Então, essas contribuições vieram exatamente daquelas figuras que estão trabalhando nessas áreas.

Aí entra a questão da segurança pública. Esse projeto que eu falei que nós vamos lançar, aqui, em breve, provavelmente, espero que a gente consiga fazer isso até o final desta semana, que é o chamado vídeo polícia, ampliação para 22 centros, a consolidação desse projeto, ele terminou acontecendo exatamente a partir das contribuições nessas escutas. Por isso que a gente, inclusive, antecipou e aproveitou que já tínhamos avançado bastante aqui, em Salvador, com o COE e utilização de tecnologia, e pegamos essas cobranças. Porque as pessoas diziam o seguinte: olha, nesses lugares, inclusive, a presença da estrutura pública usando esse padrão tecnológico e usando essa possibilidade de cobertura, ela é condição *sine qua non*, porque nós não temos efetivo para espalhar num estado desse tamanho. E você, às vezes, tem nessa região, Hilton, uma situação muito complicada, que é a situação de aglomeração bem espalhada. Temos distritos que têm um nível cada vez maior de ocupação fora do chamado centro urbano desse distrito.

Então, a cobertura é fundamental. E óbvio que, para fazer isso, nós estamos tomando cuidado com uma outra questão. Não adianta botar vídeo monitoramento se você não tem a transmissão desse sinal para Salvador. Então, para gravar isso numa máquina para, depois, alguém ir lá olhar, nunca mais. O que nós estamos fazendo hoje é ter a possibilidade de fazer a análise crítica de cada fato através de softwares. Os senhores já devem ter visto aí, por exemplo, que nós recentemente atingimos uma marca de mais de 65 casos de identificação de criminosos por reconhecimento facial.

Portanto, a ideia é usar isso cada vez mais nessas áreas do interior, e a maior reclamação para esse processo, exatamente o maior índice, ela aconteceu a partir dos próprios servidores, os servidores da Polícia Civil, os servidores da Polícia Militar. Eles cobram: “Nós precisamos ter isso porque supera as dificuldades que a gente enfrenta”. Portanto, é um elemento importantíssimo nesse aspecto.

Aí entrou uma outra coisa fundamental na contribuição, principalmente do pessoal de educação, que foi exatamente a possibilidade dessa cobertura, a boa contribuição: como é que você faz o deslocamento do aluno, essa questão das ofertas de curso, a leitura para saber que curso, porque... por exemplo, nisso que Fabíola até tocou, tem muita gente que diz: “Ah! mas bota qualquer curso”. Tem um processo, aqui, das escutas que é muito interessante, em que um território da Bahia, um território até, relativamente... vamos chamar assim, um território que economicamente é forte... Mas um grupo da educação reclamou o seguinte: “Olha, a oferta no território não pode ser só para a agricultura, a gente quer outras ofertas!” Foi o maior pleito.

Então isso serviu – muito interessante – para o envolvimento de quem vive, de quem leciona, de quem labora, de quem estuda. Associado a isso, por exemplo, veio um processo muito interessante, por isso que a gente adotou a política de ampliar as escolas culturais. Um dos maiores pleitos foi exatamente a extensão da escola cultural para os diversos cantos do estado, a gente conseguiu, com isso, na experiência das 85 primeiras, conviver com algo, assim, inédito.

Eu me lembro de uma declaração de um senhor em Itaberaba, que disse assim: “Eu nunca entrei numa escola, estou entrando pela primeira vez”, um senhor de 70 anos, e ele, Olívia, veio trazendo o samba de roda de uma comunidade do interior de Itaberaba. Ele disse: “Quando é que eu imaginei que iria entrar numa escola e entrar numa escola, inclusive, para ensinar? Vou chegar aqui e ministrar para os alunos, eu nem estudei!” Portanto, essa integração foi importante para a gente juntar o traço cultural com essa capilaridade e essa penetração da escola. A escuta teve essa participação decisiva.

Em relação ao VLT, não sei se você pôde acompanhar, mas a nossa Secretaria de Desenvolvimento Urbano montou uma estrutura para ir até o Subúrbio, abrir audiências públicas, tentar discutir de forma mais direta os impactos do VLT, porque você passa um instrumento desse, seja ele de qualquer jeito, aproveitando já um leito natural que existe, mas ele vai, de qualquer maneira, abrir espaços aqui, ali, acolá, você vai promovendo uma desagregação das pessoas. Tem áreas em que nós tivemos um cuidado imenso para não promover desapropriação pela desapropriação, sem levar em consideração os aspectos sociais.

Esse é um tema que foi discutido de forma muito enfática, e o governador determinou que a turma da Sedur pudesse chamar a população envolvida em cada canto desse para uma audiência pública, para o pessoal conhecer o equipamento e, portanto, também, até opinar, interferir e ter a possibilidade de trabalhar. O segundo tramo que nós estamos discutindo, por exemplo, estamos fazendo isso, conversando com aquela comunidade e até para você entender um outro aspecto importante.

Eu me lembro quando levantamos os primeiros dados do metrô até o Campo Grande, aliás, até a Barra, a gente começou a fazer um estudo do metrô subterrâneo até a Barra, uma certa pessoa ligou para mim e disse assim: “Vocês vão botar metrô para rico?” Aí eu falei: “Não, não vamos botar metrô para rico. Nós vamos botar metrô para atender, que foi exatamente...” Por que nós levamos para o governador o metrô até a Barra subterrâneo? Porque nós fizemos um estudo desde o início do ano e concluímos agora, aí por volta do mês de julho ou coisa assim, chegando à conclusão de que ali, inclusive, é a maior área de concentração de trabalhadores da cidade de Salvador. As pessoas que trabalham nos prédios da Barra, na Vitória, elas não moram na Vitória. A SEI fez o levantamento, inclusive, da moradia, muita gente sai de Cajazeiras para trabalhar nos restaurantes, nos museus, nas clínicas, nos hospitais, nos condomínios, é a área de maior geração de postos de trabalho. Ali, meu caro Rosenberg, gera mais postos de trabalho que o Polo Petroquímico, bem mais. O Hospital Português, por exemplo, tem quase 7 mil pessoas trabalhando no Hospital Português, 7 mil pessoas trabalhando no Hospital Português e essas pessoas não moram ali na Princesa Isabel, essas pessoas não moram na Graça.

Então, na realidade, a gente foi pensando muito o transporte na cidade a partir desse levantamento. Aqui eu quero, inclusive, fazer esse registro da capacidade técnica dos nossos servidores públicos da Seplan na elaboração desse plano, alguns estão aqui presentes, a importância, a acuidade, o cuidado de fazer toda a proposta a partir de levantamento. Então, nenhuma proposta dessa foi colocada aqui sem a nossa turma ir a campo, fazer o levantamento, tentar fazer as ponderações, principalmente de caráter social. Metrô é um equipamento importante para tirar carro de centro de rua, mas ele é fundamental como transporte de massa e de qualidade para as pessoas.

Então, portanto, a história do VLT, quando se decidiu também levar até São João, o projeto original era até o final de Paripe, mais ou menos, logo depois ali, onde é conhecido como São Luiz, vai hoje até São João, porque pega exatamente uma aglomeração que está nascendo ali, já tem ali os condomínios, há aglomeração, então é importantíssimo isso e foi fruto dessa escuta, senão o projeto morria ali. Se fosse pegar só pela estrutura, morreria em Paripe, já tinha uma estrutura montada e tal, resolveu-se esticar exatamente para atender a uma nova demanda.

Em relação, minha cara Fabíola, a essa questão aí, principalmente da prioridade, você citou uma coisa que é assim: eu passei a minha vida inteira no Congresso Nacional, eu fui membro da Comissão de Ciência e Tecnologia do dia que cheguei ao dia que saí, tanto na Câmara quanto no Senador. E eu me lembro que tinha muita gente que dizia: “Mas, Pinheiro, Ciência e Tecnologia não dá voto”. E eu disse: “O que dá voto a parlamentar é trabalho, certo? Não é estar ali e acolá, é trabalho”. Portanto, eu

sempre participei, eram as comissões que eu participava, Infraestrutura, Ciência e Tecnologia e Orçamento e Planejamento, a vida inteira participei dessas duas comissões no Parlamento, a vida inteira, todos os meus 26 anos de mandato parlamentar, que acho até que durou muito, por isso que eu resolvi ir embora. Eu disse: “Olhe, daqui a pouco eu estou chegando aos 30 anos, como eu critiquei de todo mundo.” Precisava renovar, renovar, olhe satanás pregando quaresma, então deixa eu me mandar para poder não cometer o pecado e dizerem: “Olhe a língua.” Então deixa eu ir embora.

Então, na realidade é assim, essa coisa é muito importante, Fabíola, é a gente entender de ciência e tecnologia não como elemento só para os que podem, essa é que é a grande virtude.

E aí quando Olívia fala isso, eu vou te mandar Olívia para seu gabinete, o projeto que nós estamos fechando de expansão de banda larga no estado, porque nós estamos construindo um projeto, inclusive integrado com a RNP, usando o que nós chamamos de OPGW que é uma estrutura da rede de energia para a gente garantir cobertura em todo o estado da Bahia.

Esse projeto que eu falei que a gente já inaugurou o primeiro ponto aqui, nós pegamos 150 localidades que não tinha absolutamente nada, chamamos as operadoras e meio que assim, determinamos: “Vocês têm que botar aí, que história é essa? Vocês vieram para cá, assumiram o compromisso.” Tem uma lei federal, inclusive conheço sobejamente bem essa lei e aí fiz aplicar essa lei, a lei do compartilhamento de infraestrutura é obrigação compartilhar infraestrutura.

Então, portanto, vamos para cima disso e aí nós vamos fechando o cerco nessa questão para ativar essas localidades.

Então inserir a ciência e tecnologia de maneira a você criar toda essa ambiência, em todas as áreas. O projeto de PPP na área de imagem, você transmitir uma imagem, nem sempre a gente vai poder, Fabíola, na sua área, ter um profissional médico de imagem qualificado no interior, porque são poucos e as vezes o sujeito não quer ir, quer ficar em Salvador.

Então nós montamos uma central de imagem em Salvador, a imagem é feita no interior e é transmitida para cá, então com isso você consegue essa ampliação.

As questões de cultura, as questões de mulheres, por exemplo, nós trabalhamos muito, eu agora recentemente tive com a secretária Julieta, viu Olívia, porque eu acho que é importante, eu cheguei agora de uma missão na Europa com o governador, encontrei uma conhecida antiga dos tempos meus de Câmara de Vereadores quando eu fui presidente da Comissão de Defesa das Mulheres em Salvador.

E veja como são as coisas, naquele ano, 1993, eu me lembro que a gente estourou uma agência de casamento montada por estrangeiros, que eu não quero dizer de qual país, que se estabelecia na Barra num hotel e eu encontrei a companheira que me ajudou muito nisso, de um organismo internacional chamado FIS da Suíça, tinha conosco trabalhando mais duas companheiras internacionais Sara e Cherry, Cherry é canadense e Sara uma americana do Texas que veio trabalhar com a gente aqui, 1993.

Aí eu cheguei para Jaqueline agora e disse: “Jaqueline, a gente fazendo o que a gente fez em 93 em 2019, é como se a gente não tivesse feito nada, o feminicídio arrebatando com todo mundo, um absurdo!”

Então nós trabalhamos isso e no Orçamento, inclusive desse ano, a gente trabalhou de forma muito enfática para a conferência das mulheres e uma coisa determinada pelo governador, as ações integradas, nós temos que colocar isso integrado na saúde, na educação, na segurança pública, isso como meta, a mesma coisa a questão do racismo, principalmente o racismo institucional.

Então são duas áreas que o governador pediu para a gente ampliar as nossas capacidades de utilização de todo ferramental e principalmente a possibilidade de você otimizar os recursos, ampliando os recursos dessas secretarias através, inclusive, de políticas combinadas, de políticas patrocinadas e políticas integradas, para permitir que essas políticas ganhem a essencialidade e a prioridade nessa questão.

E a questão dos cursos, minha cara Fabíola, a gente está muito nessa discussão. Eu me lembro que, na educação, a gente fez uma meta, antes de sair nós entregamos mais de 340 cidades com outras ofertas de cursos. E é importante a gente ter essa integração das universidades, isso é fundamental, as quatro universidades com um nível de integração com a rede básica e com o ensino médio. É fundamental isso para você ter essa possibilidade de trabalhar, e principalmente a oferta em nível superior. Eu conversei com Bites essa semana, eu brinquei com ele: “Sr. Bites, nós precisamos acabar com aquela história do passado.” Valeu! “Unep 2000” foi uma experiência fantástica para aquela época, mas não cabe mais hoje. Então, portanto, avançar e criar de forma bem clara essa questão.

Jacó, meu amigo, deixa eu dar um dado para você: no orçamento de 2020, nós vamos aplicar quase meio bilhão para agricultura familiar. Então, portanto, quando você fala aí dessas áreas, da questão da importância disso... E, mais ainda, nessas áreas nós precisamos aprofundar essas políticas que Olívia levantou e que você levantou também, porque a gente tem ainda uma baixa cobertura do nível, por exemplo, eu diria até de campanha, de processo educativo, para o combate a essa questão do racismo, principalmente a questão da violência contra a mulher. E, às vezes, até a ausência da estrutura de estado. Por isso, quando a gente trabalhou a questão da capilarização e essa regionalização dos centros, é você dar uma priorizada nisso, é você ter a mesma estrutura para cobrir, inclusive, essas áreas. Você pode ver que os índices são elevadíssimos nas regiões mais distantes. E às vezes até coisas que não chegam, porque as mulheres não conseguem chegar a uma unidade para fazer a denúncia ou às vezes tem medo. Então, portanto, o processo educativo é fundamental para encorajá-las e ao mesmo tempo criar as condições, não é só dar coragem a mulher. Eu me lembro que, numa determinada época, Olívia, o pessoal de Alagoinhas me contava um caso de um sujeito que entregou a notificação a mulher: “Tome, leve para seu marido.” Um sujeito até de Alagoinhas. O cara chegou lá e matou a mulher. Ele recebeu a notificação da delegacia e atirou contra a sua companheira. Então, portanto, é a estrutura do estado se fazer presente para dar a oportunidade de a pessoa saber que tem segurança, tem como chegar, tem como ir a cada canto desses.

Do ponto de vista que você levanta em relação ao turismo naquela região da Caatinga, é isso que eu falei aqui: muita gente quer vir para cá não é para conhecer mais mar, mar o sujeito tem: o mar do Caribe, o Mediterrâneo, a Polinésia são lugares belíssimos. Agora, eles não têm a Caatinga, não têm um Cerrado como o nosso, não têm uma Mata Atlântica como nós temos na Bahia, e é bom lembrar que boa parte dessa Mata Atlântica foi fruto da própria cultura do cacau, o manejo levou à preservação dessa Mata Atlântica. Então, portanto, você tem uma possibilidade de fazer esse turismo integrado, de conhecer essas experiências, conhecer as experiências culturais, Jacó, o nosso samba de roda, a cultura que nasceu ali no campo, a própria forma do traquejo, do molejo com a agricultura. Esse último final de semana, por exemplo, uma dirigente espanhola da área de agricultura veio conhecer a experiência brasileira no Oeste. Então, portanto, conhecer de perto como é que é o manejo disso. Então, nós precisamos trabalhar mais isso de maneira integrada, entendeu?

A mesma questão é quando você fala da estrutura daqui e dali. Nós fizemos isso com o cacau agora, Olívia, por exemplo, ainda na estrutura de verticalizar. Três escolas naquela região viraram escolas fábricas de chocolate. Essas escolas não têm só cursos de chocolate, uma das escolas tem curso de teatro. Por exemplo, a Nelson Schaun, em Ilhéus, é escola fábrica de chocolate, mas tem curso de teatro; pois também foi introduzido, na rede, agora, curso de teatro no ensino médio. Portanto, demonstra-se que é possível conviver com isso.

Então, é importante trabalhar essas estruturas para a gente ir, exatamente, criando essa outra participação. E, em todos os casos, a gente buscou trabalhar com a história da contribuição das universidades em cada território desses. Por exemplo, ao fazer o trabalho na Caatinga, envolver os nossos técnicos lá da universidade, são estudiosos, são pessoas que podem contribuir imensamente na orientação, não é? Então, portanto, são questões fundamentais que vão permitindo essa estrutura.

Em Feira de Santana, meu caro Tom, você deve ter ouvido eu falar que há, inclusive, uma proposta que eu diria, inclusive, do ponto de vista de recursos, uma das mais altas para aquela questão do Portal do Sertão, não é? Então, assim, é importante, ali tem uma história do abastecimento d'água e, principalmente, do esgotamento sanitário. O governo já fez muitas intervenções em Feira de Santana nessa questão do abastecimento. E o maior projeto que o estado vai promover agora, do ano de 2020, nessa área de abastecimento e saneamento... E, aí, até de forma muito clara, do ponto de vista de como é que nós vamos fazer o manejo dessa água, esse maior volume de recursos vai acontecer exatamente na região do Portal, e, óbvio, que você tem um peso enorme em Feira de Santana por conta do seu tamanho e das suas necessidades. Então, nós vamos ter efetivamente isso.

E, do ponto de vista do turismo, a mesma coisa. A ideia é que a gente promova sempre essa coisa do turismo saindo do litoral, porque, volto a lhe dizer, litoral os caras têm lá, pastor, eles têm isso. Óbvio que eles vão lá uma vez por ano, eles podem visitar o nosso aqui o ano inteiro, não é? E o verão deles é bem definido, é sol da manhã até, às vezes, meia noite. Então, portanto, esse é um trabalho que a gente tem buscado fazer associando isso ao turismo, um turismo de negócio. Por isso que os centros de

convenções são importantes, para você atrair quem vem para cá para fazer, às vezes, sei lá, um grande evento na área médica, um grande evento na área da agricultura. Então, portanto, você precisa ter estruturas nas cidades que comportem isso para você também promover esse tipo de deslocamento para a turma nessas cidades.

Então, são essas coisas. E aí eu espero que a gente tenha uma oportunidade de, num segundo momento até, já entrar numa materialização, aqui, eu diria, direta, no ano de 2020, na peça orçamentária que nós demos entrada no dia de ontem. E, claro, cada vez mais, estreitar essa relação com o Parlamento, que pode nos dar contribuições decisivas para a construção de uma peça, Hilton, que tenha isso, que guarde relação com aquilo que o governante apresentou no programa eleitoral, porque, se não, cada secretário, às vezes, vai querendo fazer o programa da sua cabeça sem respeitar aquilo que foi apresentado, e, ainda, de forma muito enfática, aquilo que foi colhido da sociedade, o que é mais importante ainda, porque é o que é resultante da escuta.

Então, é a obrigação do governante, na medida em que a gente vem aqui e registra isso. Eu estou transformando em lei, criando a obrigatoriedade de o governante cumprir aquilo que o cidadão apontou como prioridade para sua vida.

Então, era isso. Muito obrigado a todos.

O Sr. Rosemberg Lula Pinto: Sr.^a Presidenta, primeiro agradecer, ao secretário Walter Pinheiro, o convite que foi feito aqui por mim e pelo deputado Targino. Espero que tenha atendido à expectativa dos diversos deputados. Agradecer também a presença de todos os servidores da Secretaria de Planejamento, inclusive, conversando com Ranieri ali, ele já se colocou à disposição para que a gente possa tirar todas as dúvidas necessária que ainda persistirem.

Eu tinha conversado com Targino, uma vez que, a partir deste debate aqui, é como se nós estivéssemos substituindo a Comissão Conjunta. Então, com isso, nós teríamos a oportunidade de estarmos preparados para votar. Mas eu vou sugerir que a gente dê mais um tempo, deputado Tiago, que substitui o deputado Targino aqui, para que a gente possa ainda em dúvidas e tal ajustar... Também o deputado Zé Raimundo, que é o relator, está fazendo os ajustes necessários. E, a partir desse debate aqui, é possível que ele tenha ajustes a serem feitos. E aí nós traríamos para a próxima semana.

Hoje, nós ficaríamos para votar os títulos e, assim que o deputado Targino chegar, o Fundo de Segurança Pública, porque, a cada dia que a gente atrasa, acabamos tendo dificuldade de arrecadar o dinheiro para esse fundo, ou seja, impacta na Segurança Pública.

Agradecer, em nome de todos os deputados da Base do Governo, ao secretário Walter Pinheiro.

A Sr.^a PRESIDENTA (Ivana Bastos): Agradecer ao secretário Walter Pinheiro, a todo corpo da Secretaria de Planejamento aqui presente e dizer que outras secretarias devem seguir esse exemplo muito positivo. É preciso que a gente debata, esta Casa é para isso.

Eu declaro encerrada a presente sessão especial, lembrando aos Srs. Deputadas e às Sr.^{as} Deputadas que já fora convocada uma sessão extraordinária, 10 minutos após o encerramento desta, com o objetivo de apreciar projetos de autoria de deputados.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.